

RE-UNIR, RE UNIR LETRAS ou REUNIR LETRAS?

Wany Bernardete de Araujo Sampaio¹

Depois de longo e tenebroso inverno, eis que a Fênix ressurge das cinzas... E, diante desse maravilhoso evento, me perguntaram: como foi que tudo começou? Hummm... Não lembro bem ao certo... Mas sei que aconteceu pelos idos de 1990. Eu atuava como professora da área de língua portuguesa e linguística no curso de Letras aqui da nossa UNIR. Naquela época tínhamos mesmo um curso muito animado... Até grupo de teatro existia.

A RE-UNIR LETRAS surgiu a partir do esforço coletivo de alguns professores e alunos. Na página de apresentação da revista de número um, os editores assim escreveram: “REUNIR LETRAS, vindo a lume neste infeliz e incolor 1990, tem esta pretensão: fazer com que pelo pensamento, pelo sentimento e pela ação, humanizemo-nos”. Era mesmo uma grande pretensão!

A princípio parecia mais uma cartilha. Tudo artesanal, datilografado, mimeografado, grampeado a mão. Uma pequena cartilha com a ousadia de querer ser revista. Assim veio a RE-UNIR LETRAS número um. Sem jornalista responsável, sem expediente, sem ficha catalográfica, sem ISSN, sem nada de chique, mas toda metida. Veio com seções de pesquisas e ensaios, depoimentos, artigos, opiniões, contos e crônicas, poesias, resenhas. Para nós, que presenciamos tal nascimento, foi uma grande conquista. E, ao mesmo tempo, a descoberta de como era difícil a produção de uma revista naquele momento da história do Curso de Letras na UNIR. Um trabalho de amor e dor. Aquele primeiro número da Re-UNIR foi mimeografado e reproduzido pelos próprios alunos e professores, às suas próprias expensas. A Universidade e o Departamento não tinham dinheiro para essas coisas. E nós não sabíamos como correr atrás... Parece mentira... Vivíamos em um campus que nem telefone tinha. Não tínhamos computadores. Usávamos as velhas máquinas de datilografia. Notebooks, tablets, celulares??? Coisas inimagináveis! Por aí já se pode imaginar o drama. Mas o

¹ Doutora em Linguística; Doutora em Educação Escolar; Pós-Doutora em Linguística Cognitiva. Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens – GECEL/UNIR/CNPq. Professora aposentada da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: wansamp@gmail.com

grupo desbravador de feitura de revistas era mesmo um grupo de resistência. A número um foi um sucesso, ainda que apenas no interior do próprio curso. E tal sucesso foi um alento para o nosso grupo.

No próximo ano (1991), lá se vem a revista de número dois. No mês de novembro. Penso que ninguém (além do Curso de Letras) acreditava que a RE-UNIR (ou REUNIR???) fosse adiante. Até mesmo porque a própria instituição não destinava recursos para esse fim. Eu nem sei como nem de onde apareceu o dinheiro, mas o número dois saiu já com cara de revista mesmo! Nada de cartilha! Na verdade, o editorial do número dois já veio batendo forte na questão que se refere às dificuldades encontradas na produção da revista: “Em nome da democracia tem-se falado, constantemente, em autonomia das administrações, porém o que se tem feito, normalmente, é apenas o repasse das responsabilidades e a isenção dos compromissos. REUNIR LETRAS quer mostrar, com a edição de seu 2º número, que assumir responsabilidades implica, muitas vezes, perseguir um ideal à custa de muita luta, cuja recompensa única é ver seus objetivos atingidos, na satisfação da expectativa criada”. E é verdade que a luta se fez e se faz necessária. Por esforço dos docentes, discentes e técnicos, o número dois já contava com um jornalista responsável, com um editor geral (a Professora Nair Gurgel), conselho editorial (do qual eu fazia parte) constituído por docentes e discentes. Naquela época, tivemos o apoio do Jornal *O Guaporé* – que colaborou na produção gráfica – e do Governo do Estado de Rondônia (eu acho que a revista foi impressa na gráfica do governo) e a tiragem de 1.000 exemplares. E vimos que tudo isso era bom.

Partimos para o número três, que saiu em dezembro de 1993. Conseguimos apoio para a produção da revista através da Secretaria Municipal de Educação. Mas tivemos que nos contentar com apenas 500 exemplares. Depois disso, a revista ficou dormindo por longos anos. Até o ano de 2012, eu acompanhei muitas discussões e tentativas de retomar a produção da revista. Tentava-se, discutia-se... E a revista nada... Por que será que a revista relutava tanto em ressuscitar? São muitos motivos. Acho que é muito importante procurar entender por que será que a revista ficou adormecida por tanto tempo... Pasmem, caros leitores: no mundo acadêmico, a morte de uma revista pode se dar por um hífen. É cruel, mas é verdade.

Em 1994, com as três revistas publicadas (um, dois, três), buscamos, então, correr atrás do tal de ISSN. Sim, porque, para obter esse tal registro que garante que a coisa é mesmo uma revista acadêmica era preciso ter três números publicados. Gentes... Eu nem sei mais direito como foi a dor do NÃO... O nome da revista era pra ser RE-UNIR LETRAS. Entretanto, na capa do número um aparece o nome RE UNIR (separado e sem hífen) e na apresentação constava o nome REUNIR (tudo junto); no número dois, na capa tem-se RE-UNIR, mas no expediente, o nome apareceu como RE UNIR (separado, sem hífen); no número três, na capa tem-se RE-UNIR e no expediente tem-se REUNIR. Pedimos (não sei quem fez a papelada) o ISSN... mas, pelo pouco que consigo lembrar, parece que foi negado por causa do hífen. Qual era, afinal, o nome da revista??? RE-UNIR LETRAS, RE UNIR LETRAS ou REUNIR LETRAS??? Depois de tanto sacrifício... Essa é a história que ouvi. Nem sei se a Biblioteca Central chegou a encaminhar o tal pedido. Eu nem consegui me perdoar, porque, afinal de contas, além de fazer parte do conselho editorial eu também ajudei a fazer revisões dos textos, porém nunca me debrucei sobre a capa e os expedientes, já que a arte gráfica não era minha competência. Grande erro. Quando fazemos parte de um conselho editorial precisamos, sim, olhar a revista além dos textos a ela submetidos. Nem mesmo durante as olhadas nos “bonecos” das revistas, nenhum de nós atentou-se para tal fato. Era tão claro o som de “reunir” aos meus ouvidos, que meus olhos nunca viram a diferença.

E, assim, destroçados por um hífen, penso que a maioria de nós, professores, ficou muito desestimulada. Os alunos engajados na revista se foram... Formados... Para o mundo do trabalho... Nós, os professores, fomos fazer mestrado, doutorado, pós-doutorado... Depois voltamos e criamos cursos de especialização, de mestrado... E a revista foi ficando pra depois... Não tínhamos mais tempo. Ficou lá... Naquela caixa amarela (ou azul??? Não lembro...). Só sei que juntei todos os pedaços, os números antigos e deixei lá. Nos arquivos do Departamento. Esperando que um dia chegasse sangue novo e coragem, porque o desafio é imenso e a luta é grande... Estou mesmo muito contente por este renascer. Este é o tempo.